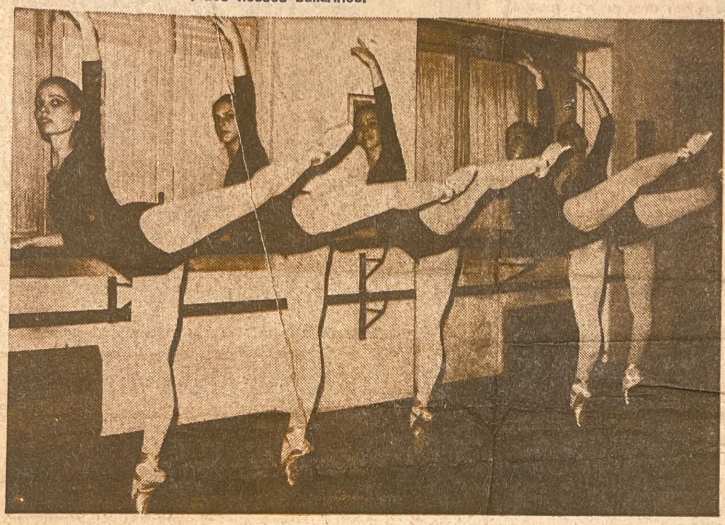
Encontro com o «ba

Apesar de o esforço e a persistência de uns tantos entre os quais é de justiça salientar Ana Máscolo, não conseguiu ainda o «ballet» o lugar que merece no panorama cultural e artístico português. Deficiências de escola? Falta de aptidão? Desinteresse do público? ... Perguntas sem resposta que andam naturalmente no espírito de todos nós que bem desejaríamos ver alguém, oficialmente responsável que se interessasse verdadeiramente por essa maravilhosa arte que sem dúvida é o «ballet»; alguém conhecedor a fundo dos problemas da dança, não em sentido lato, mas da Dança em Portugal, o que é diferente, pois, não tendo o nosso país tradição balética, há, portanto, problemas que necessàriamente implicam soluções particulares, específicas, que não nos compete a nós analisar, tão-sòmente chamar aqui a atenção a quem de direito, para a situação difícil, confusa, em que a Dança vive. Situação, essa que permanecerá, em nossa opinião, enquanto não se formar uma Companhia Nacional de Bailado a garantir trabalho, subsistência portanto, aos nossos bailarinos.



Contamos apenas com dois grupos organizados para todo o País: o «Verde Gaio» e o «Grupo Gulbenkian de Bailado», que apesar de o seu valor não podem preencher, ainda, em nossa opinião, o lugar que pertence à Companhia Nacional de Bailado que nos falta; o primeiro por ser bàsicamente um grupo de bailados de interpretação folclórica e o segundo por pertencer a uma entidade particular!

Em presença deste desanimador clima em que se movimenta a Dança em Portugal em que a boa vontade, a tenacidade de alguns não basta, afigura-se-nos do maior interesse artístico e cultural, considerarmos com olhos de ver o problema; estudar, estruturar e programar as medidas aconselháveis que a questão há muito exige.

Estivemos uma tarde destas no Estúdio-Escola de Dança Clássica Anna Máscolo — um nome que dispensa qualquer apresentação, pois está há muito ligado ao «ballet», e entre os primeiros que mais têm trabalhado e lutado pela dignificação da Dança em Portugal!

Misturámo-nos na sala onde muitas mães esperavam as filhas que lá dentro, noutras salas ensaiavam os primeiros passos na difícil arte. Assistimos, como espectadores anónimos à azáfama de todos

— Em sua opinião, qual é a idade recomendável para a iniciação da aprendizagem?

— Tècnicamente, deve começar-se o trabalho da «barra» entre os 8 e os 12 anos. Haverá, no entanto, a maior utilidade em fazer-se uma iniciação rítmica prévia, que será de grande ajuda no comportamento do futuro bailarino.

— Reconhece nos nossos bailarinos qualidades de competição com os mais evoluídos do estrangeiro?

— Absolutamente. O bailarino português necessita apenas de condições normais de trabalho. A Dança como todas as artes e todas as profissões aliás, precisa de uma continuidade de trabalho, sem intermitências, para se realizar completamente. Para além do trabalho diário de estúdio, há toda uma aprendizagem prática só realizável através do trabalho no palco, na presença do público.

— Pode a televisão, pelo seu acesso junto do grande público, contribuir para a divulgação e criar novos adeptos para o «ballet»?

— Seguramente, não sòmente por apresentar com maior frequência filmes e programas dedicados ao bailado, e portanto de divulgação dessa arte, como também por proporcionar trabalho aos nossos bailarinos.

na da Faculdade de Ciências.

— É um bocadinho duro. Tenho por vezes de me privar de ir ao cinema ou a festas. Mas, quando se gosta... há sempre tempo! Pra-

— Com certeza. Não apenas pelos benefícios físicos que nos proporciona, mas também pelo bem que faz à saúde. Posso dar-lhe um exemplo: sofro de asma alérgica, e estou bastante melhor, pois os exercícios respiratórios que somos obrigadas a fazer têm actuado de forma excelente.

A terceira e última a falar à nossa reportagem foi Maria José Palmeirim, de 23 anos. Pratica o «ballet» desde os 15 anos.

— Como encara o «ballet» na formação física e intelectual da mulher?

— Como prática física, excelente. Todas as jovens deviam aprender, mesmo sem a preocupação de virem a ser bailarinas. Mas as nossas jovens andam tão arredias!

— Gostaria de ser bailarina profissional?

— Imenso. Aliás, todas nós estudamos, trabalhamos na esperança de podermos ser em breve bailarinas profissionais. Quando, é que não sabemos. E é isso que tira o interesse a muitos jovens de aprender «ballet» no nosso País onde as possibilidades de trabalho são ainda francamente desanimadoras. Pois, a preparação de um bailarino profissional é equivalente a um curso universitário. E a questão levanta-se: gasto de dinheiro, anos de estudo... para quê?... Mas esta situação vai modificar-se, não lhe parece?

Acreditamos que sim. É preciso atender ao anseio justo dos bailarinos portugueses, profissionalizando-os, e garantindo-lhes possibilidades de trabalho para que todos

tico o «ballet» há seis anos. E, posso assegurar-lhe que amanhã, quando me formar, me casar... continuarei a fazer «ballet», pois considero-o de capital importância até na

(pequenos e grandes) em fim de ano escolar. Presenciámos o entusiasmo de quem ensina e de quem quer aprender... muitos apenas por aprender!

CEM ALUNOS INSCRITOS

Este Estúdio-Escola começou a sua actividade em 1957, e já formou muitos dos nossos melhores bailarinos alguns a fazerem hoje profissão no estrangeiro. Visitámos as suas instalações que são modelares, na Avenida Infante Santo. Foi de cerca de cem o número de alunos inscritos no ano lectivo de 1970-71.

— Com o mesmo objectivo, não seria de incentivar, durante o Verão, espectáculos baléticos ao ar livre, aproveitando os parques e jardins das nossas cidades como cenário?

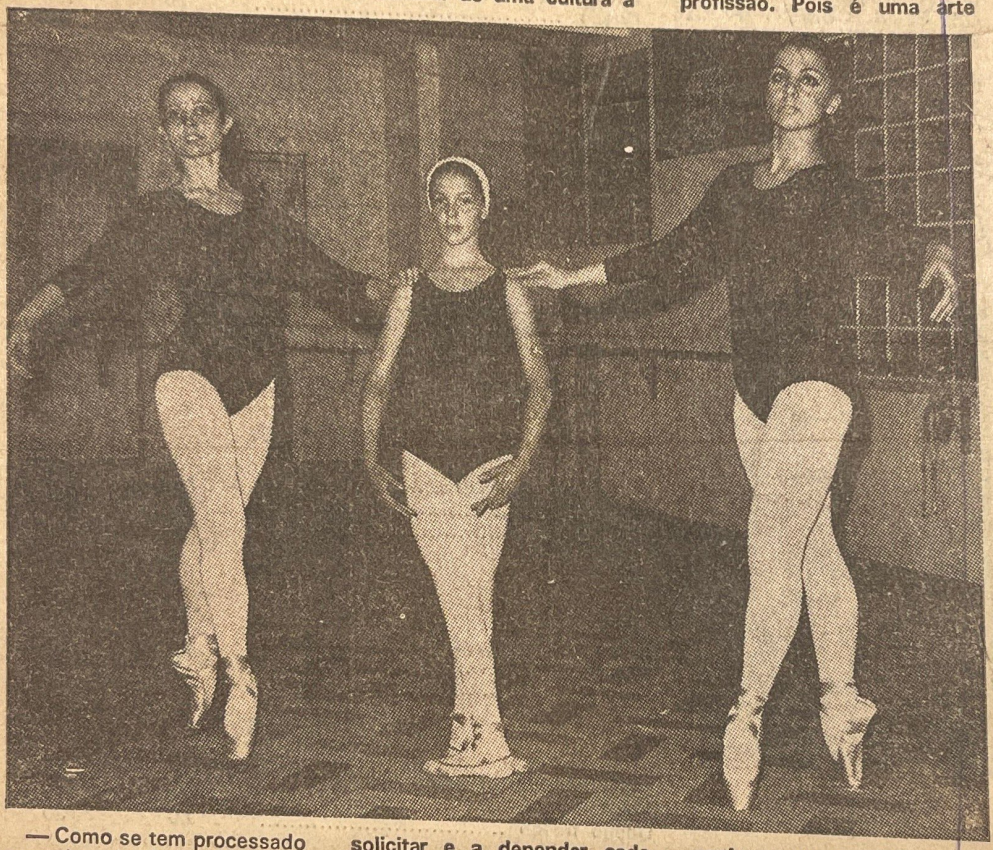
— Sem a menor dúvida. O público corresponde sempre a essas manifestações que ajudam a despertar ainda mais o interesse por esta apaixonante arte que conta a seu favor com a «linguagem» do movimento, a mais acessível portanto a todas as camadas sociais e ao público mais heterogéneo. O bailado constitui, com todas as outras artes, viva expressão de cultura: de uma cultura a formação do carácter das pessoas.

— Que pensa do «ballet» na educação feminina?

— Indispensável. Dá à mulher um porte verdadeiramente invejável. E não é para admirar. O «ballet» exige e reúne em si toda uma gama de ginástica, impossível encontrar em qualquer desporto.

Margarida de Mello, 20 anos, 7.º ano dos liceus. Estuda línguas. Frequenta o «ballet» desde os cinco anos. Começou por nos dizer:

— É pena que o «ballet» não seja ainda considerado entre nós, oficialmente uma profissão. Pois é uma arte



— Como se tem processado o ensino da Dança em Portugal?

Anna Máscolo responde-nos com um sorriso que a acompanha sempre:

— É difícil, impossível até responder em meia dúzia de palavras à sua pergunta. Tem sido um trabalho não direi inglório, mas de que poucos se têm apercebido até hoje: da luta, do enorme esforço que todos os que nos dedicamos à prática da Dança em Portugal temos realmente despendido. Mas tenhamos fé em melhores dias.

solicitar e a depender cada vez mais e mais de todos nós.

FALAM TRÊS BAILARINAS

Não quisemos perder a oportunidade de ouvir também três jovens que, a avaliar pelos seus depoimentos, vivem verdadeiramente «apaixonadas» pela Dança.

— Como concilia o estudo da Faculdade com o estudo do «ballet»? — perguntámos a Teresa Valle, 22 anos, alu-

apaixonante, a exigir de nós um trabalho intenso, exaustivo sem outras compensações que não seja o prazer imenso de o praticar.

— Como considera o «ballet» na formação física e intelectual da mulher?

— Essencial. Como sabe um bailarino tem de ter uma preparação não sòmente tècnica mas cultural muito grande que contribue enormemente para as exigências da vida moderna.

— Acha, portanto, que todas as raparigas deviam praticar o «ballet»?

llet»

possam afirmar o seu valor de artistas.

Só assim podemos incentivar o gosto por uma arte que é das mais belas. Só assim poderemos, um dia, fazer com que as nossas raparigas se interessem pela dança de arte.

ELVIRA COSTA NUNES